



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO

Thiago Batista de Souza

TOCA RAUL!

Crônicas da música baiana.

Salvador

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

TOCA RAUL!

Crônicas da música baiana.

Memorial apresentado como requisito à
obtenção do grau de bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo pela Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da
Bahia.

Orientador: Prof. Maurício Tavares

Thiago Batista de Souza

Salvador

2009

RESUMO

Esta memória trata do processo de produção e elaboração do livro *TOCA RAUL! Crônicas da música baiana*, que reúne quinze crônicas sobre discos produzidos na Bahia entre os anos de 2000 e 2009. Aqui, tem-se a descrição da proposta do produto, bem como dos seus processos de construção. Num segundo momento, encontra-se a trajetória do autor durante o curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, realizado na Universidade Feral da Bahia entre os anos de 2005 e 2009. Por fim, este trabalho esclarece as fundamentações teóricas para a concepção do livro e se encerra com as considerações finais do autor a respeito de todo o processo de elaboração do produto.

Palavras-chave: crônica; jornalismo musical; crítica cultural; jornalismo literário; comunicação; cultura.

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Trajectoria.....	11
Fundamentação Teórica.....	17
Considerações Finais.....	23
Referências Bibliográficas.....	24

APRESENTAÇÃO

Toca Raul! Crônicas da música baiana é um livro que reúne quinze crônicas sobre quinze discos produzidos na Bahia entre os anos 2000 e 2009. O processo de construção do livro se iniciou em abril de 2009, quando, numa conversa com o Professor Maurício Tavares, passei a acreditar que um livro sobre música baiana seria um produto prazeroso de fazer e, de algum modo, importante para os artistas locais e seus públicos.

Um breve olhar sobre a cobertura midiática direcionada ao cenário musical soteropolitano é capaz de identificar a ausência de um veículo impresso dedicado exclusivamente à cobertura da música produzida na Bahia, principalmente aos artistas independentes. Esse nicho de mercado, devido à crescente crise das grandes gravadoras e distribuidoras da indústria fonográfica e ao barateamento dos custos de gravação, tem se tornado uma realidade fortemente presente na produção artístico-musical da cidade de Salvador. Apenas no *PalcoMP3*, ferramenta on-line do portal Terra que serve de meio de divulgação para artistas dos cenários “alternativo” e independente brasileiros, há 1.257 páginas de artistas baianos.

No que diz respeito à produção musical baiana, a cobertura midiática é feita principalmente pelos cadernos de cultura dos três principais jornais em circulação na cidade (A Tarde, Correio da Bahia e Tribuna da Bahia), que, devido à pluralidade de públicos a que esses veículos se dirigem, não mantém uma regularidade temporal na abordagem desta seara.

Ainda há outros canais de comunicação que abrem espaço para a música baiana, mas dificilmente se vê um jornalismo cultural de postura crítica nesses meios. É o caso dos portais

de cultura, lazer e entretenimento, como o Aldeia Nagô (www.aldeianago.com.br), Bahia Rock (www.bahiarock.com.br) e o Pode Ir (www.podeir.com.br).

Outras contribuições vêm das duas emissoras estatais: a rádio Educadora FM e a TV Educativa da Bahia, ambas vinculadas ao Instituto de Rádio Difusão Educativa da Bahia (IRDEB). A Rádio Educadora FM, cujo lema é “tocar o que as outras não tocam”, demonstra, por meio de uma programação diversificada, que é possível para os artistas baianos fazer MPB de boa qualidade e ter seus trabalhos divulgados. Na TV Educativa da Bahia, destaca-se o programa *Soterópolis*, de programação diversificada, que exhibe “especiais” e *shows* de novos nomes da cena musical baiana. (AMAZONAS et al., 2006, p. 513).

Ainda assim, estes espaços são inseridos em uma grade de programação bastante diversificada e se dirigem a um público muito heterogêneo. Não havia nenhuma publicação semelhante no mercado editorial baiano e o pioneirismo, ao mesmo tempo em que me estimulava, colocava-me diante da incansável pergunta: quais seriam os discos escolhidos para entrar no livro?

Como que eu não tinha - nem havia de ter – critérios absolutos para a triagem dos discos que representariam todos os outros que ficariam de fora, decidi trilhar um caminho mais democrático. Fiz uma lista de vinte discos que foram produzidos na Bahia e tinham sido lançados entre os anos de 2000 e 2009.

Em seguida, pedi a mais quatro pessoas de diferentes áreas ligadas à música que fizessem o mesmo. Sobre os critérios mínimos que deveriam ser adotados na listagem, alertei a todos os participantes que a principal motivação da lista era o caráter de indicação (como quem vai à sua discoteca e seleciona os discos que vai emprestar) e que a produção do disco precisava ter sido realizada, ao menos parcialmente, aqui na Bahia.

O disco foi gravado na Bahia e mixado no Rio de Janeiro? Vale. Se escolhessem um álbum por acharem historicamente relevante, ótimo; por critérios de qualidade, melhor ainda. Mas o julgamento estava nas mãos de cada um deles. Para que “emprestassem” apenas os discos em que depositavam confiança, permiti que indicassem menos de vinte discos, contanto que totalizassem um mínimo de seis. Fiz isso para deixá-los mais à vontade. Se todos listassem apenas seis discos, eu buscaria outras pessoas para compor o parlamento. Apenas um dos votantes me enviou uma lista reduzida, mas, mesmo nesse caso, era interessante pela qualidade do que foi listado.

A escolha das pessoas que indicariam os discos buscou, sobretudo, abrir o leque de possibilidades das sugestões dos álbuns. O primeiro passo foi definir os perfis dos indicadores. Queria alguém que representasse a Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, um produtor musical, algum pesquisador da música baiana e um jornalista que tivesse ligação com o jornalismo cultural. Como representante da Escola de Música da UFBA, escolhi Alexandre “Loro” Espinheira, que é doutorando em Composição e Regência e um dos maiores compositores de música erudita contemporânea da Bahia, além de atuar como percussionista em diversas bandas e artistas locais. O produtor musical que participou do projeto foi Tadeu Mascarenhas, que é um dos produtores musicais mais conceituados de Salvador e músico multi-instrumentista, compositor e arranjador, além de ser dono de um dos estúdios de gravação mais bem estruturados da cidade. Quanto ao pesquisador da música baiana, o escolhido foi Paulo Brandão, que é o responsável pela fundação e administração do Museu da Música Brasileira e proprietário de uma das lojas de discos que tem o maior acervo de álbuns produzidos na Bahia. O jornalista selecionado para integrar a banca de votantes foi Ivan Marques, que já trabalhou em editorias de cultura de um dos maiores jornais impressos da cidade de Salvador e é cantor, compositor e instrumentista.

Feitas as indicações, computei os votos e pré-selecionei os dez discos mais votados. O próximo passo foi ouvir todas as indicações e escolher um disco de cada lista, inclusive da minha. Com os quinze discos selecionados, só me restou ouvi-los por muitas e muitas vezes, pesquisar informações e curiosidades, arrancar opiniões das pessoas sobre os discos e buscar na memória alguns acontecimentos que pudessem ser aproveitados para falar sobre os álbuns e os artistas.

Logo vi que seria difícil escrever críticas ou resenhas sobre os discos sem citar minhas vivências. Por ser compositor, cantor e violonista, presenciei situações que estavam ligadas demais ao que eu estava escrevendo. Tudo estava muito próximo para ser deixado de lado. O resultado foi quinze textos que passeiam entre a literatura e o jornalismo, entre a informação e o deleite, entre a crítica e crônica. Assim, prefiro dizer que não escrevi esse livro sozinho. Cada texto foi construído pela cidade, pelos seus contextos, pelas suas pessoas e, é lógico, pela sua própria música.

A organização dos textos que compõem o livro não segue a hierarquia dos votos, nem tampouco visam classificar os discos em primeiro, décimo ou último. A posição que cada disco ocupa aqui tem relação com a distribuição mais coerente dos textos, na tentativa de proporcionar uma leitura mais prazerosa e fluída. Apesar de ser verdade que os quinze melhores discos da música baiana não são obrigatoriamente os que foram listados aqui, garanto que cada um deles justificará seu espaço neste livro logo na primeira audição.

Os textos reunidos em TOCA RAUL! misturam jornalismo e literatura o tempo todo. O uso da primeira pessoa, os diálogos e a descrição dos espaços e das situações se fundem às opiniões críticas, às informações de cada disco, ao perfil de cada artista ou banda e às famosas “curiosidades”. Ora mais literários, ora mais críticos, os textos prezam, antes de mais nada, pela informação e pelo prazer da leitura.

Justamente pela liberdade textual, cada texto foi uma aventura. Eu ouvia os discos diariamente e fazia anotações, mas, no momento de começar a construção dos textos, eu não visualizava um modelo textual. Não dava para falar de todos os detalhes formais e simbólicos de cada disco de modo extremamente analítico. A proposta foi justamente abordar alguns aspectos que se mostraram interessantes na construção narrativa das crônicas. A ausência do *lead*, por exemplo, era motivo para eu passar horas pensando o primeiro parágrafo de cada texto, principalmente nos textos que foram escritos primeiramente. Após ter produzido metade das crônicas, já estava mais ciente da forma que o trabalho estava adquirindo e o processo se tornou mais rápido, porém o desafio sempre foi grande.

Misturar crítica e crônica em cada texto me fez viajar pelo universo da literatura e do jornalismo de um modo que nunca tinha experimentado. Eu sabia o que queria dizer de cada disco, mas não havia um modo pré-formatado para transpor as idéias e sentimentos de modo eficaz. O resultado foi um livro com quinze textos muito diferentes. Porém, quando somados, mostram unicidade e coerência de estilo.

Em uma descrição mais rígida, os textos que compõem *TOCA RAUL!* são crônicas que se deslocam para o texto crítico e, mesmo nos momentos em que a narrativa destaca os elementos da crônica - como diálogos e descrições de experiências pessoais-, o conteúdo dessas vivências sustentam a leitura crítica dos aspectos abordados de cada disco selecionado.

Assim, as soluções literárias que integram a narrativa almejam iniciar ou reforçar a discussão levantada em cada texto. O limite entre o que é crítica e crônica é tênue no que concerne ao conteúdo, mas a ruptura textual entre o narrador e o crítico é visível nos elementos textuais, quando, por exemplo, um diálogo se encerra e dá abertura para a descrição e a análise dos discos. Nesse misto de crítica e crônica,

prevalece – repito – a fluidez do texto, objetivando o teor informativo e a explanação de opiniões críticas a respeito das obras abordadas.

Para a avaliação da Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso, *TOCA RAUL!* não foi apresentado no formato livro. Dentre os motivos, resalto que considerei que o alto custo de produção não seria compensatório, visto que o trabalho, após a avaliação, provavelmente passará por diversas correções. Como pretendo publicar o trabalho em março de 2010, as editoras que se mostraram interessadas em colaborar com a publicação oficial não se disponibilizaram para imprimir o protótipo do livro, apesar de terem ajudado com dicas de formatação, após eu ter-lhes apresentado o projeto experimental.

A partir das informações técnicas obtidas através do contato com os profissionais de editoração, *TOCA RAUL!* foi formatado em tamanho 12 x 18 cm, reduzindo, assim, o custo de impressão. O projeto gráfico do miolo do livro, bem como a arte da capa e contracapa, foi uma colaboração do diretor de arte e cartunista Pedro Britto, que é estudante de Produção Cultural na Faculdade de Comunicação da UFBA.

Acho válido enfatizar que não há pretensões comerciais – no sentido de obter lucros financeiros – com o livro. A intenção de publicar *TOCA RAUL!* é meramente voltada à abertura de mais um espaço de visibilidade midiática para as produções musicais da Bahia, bem como a legitimação da publicação como um produto que seja integrado ao meu portfólio, para possíveis avaliações curriculares em oportunidades profissionais que surjam após o final do meu ciclo acadêmico.

TRAJETÓRIA

Ensaiei meu primeiro poema aos onze anos, compus minha primeira música aos quinze, rabisquei meus primeiros contos aos dezesseis e sempre tive muita afinidade com as aulas de redação na época da escola. Na ocasião das inscrições para os vestibulares, eu tinha 18 anos e a certeza de que a música e a língua portuguesa eram as minhas grandes paixões. Por pressão familiar para que não estudasse música, dois cursos se mostraram atraentes: Letras e Jornalismo.

Ainda indeciso, optei por prestar vestibular para os dois cursos - Comunicação com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal da Bahia, e Letras Vernáculas, na Universidade do Estado da Bahia. Fui aprovado nos dois vestibulares. Cursei dois semestres do curso de Letras, o último deles enquanto cursava o primeiro semestre na Facom. O contato com as primeiras disciplinas da Comunicação e do Jornalismo foi suficiente para que eu, já que não tinha a menor intenção de cursar duas graduações simultaneamente, escolhesse seguir com o curso de Jornalismo, que se encerra neste momento, nas páginas de *TOCA RAUL!*.

Minha experiência no primeiro semestre foi marcada por duas disciplinas: Teorias do Jornalismo, ministrada na época pelo professor Giovandro Ferreira, e Oficina de Comunicação Escrita. Uma teórica e uma prática. Na teórica, aprendi alguns conceitos do Jornalismo que, embora alguns sejam questionáveis quanto à aplicação prática, norteiam o exercício da profissão. Na prática, escrevi minha primeira reportagem, um texto inegavelmente imaturo sobre prostituição.

No segundo semestre, cursei a matéria optativa Linguagens da Comunicação, ministrada por Monclar Valverde. Essa foi uma das disciplinas em que recorri por mais vezes ao conteúdo durante a produção de *TOCA RAUL!* Em suma, a matéria tratava a

música como linguagem, como forma de comunicar sentimentos e idéias, além de tratar de análises dos formatos musicais, em especial a canção e suas características.

Monclar Valverde também foi o professor da disciplina Estética da Comunicação, cursada no terceiro semestre. Com ele, aprendi a desenvolver e a direcionar meu senso crítico e entendi alguns conceitos que balizam a existência da arte como forma de expressão, bem como seus modos e efeitos de percepção e recepção. No plano da realidade, desenvolvi meu juízo de valor. Ainda no terceiro semestre, participei da primeira edição da Revista Lupa, veículo laboratorial da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso, com a professora Graciela Natansohn. Foi a minha primeira reportagem unindo jornalismo e música. Escrevi sobre a política das cortesias (os ingressos gratuitos) nos eventos musicais produzidos em Salvador.

No final do quarto semestre, fui convidado a fazer o meu primeiro trabalho remunerado na área da Comunicação. Entre dezembro e março de 2008, trabalhei como redator, revisor e produtor de textos para a primeira edição anual do Guia do Ócio. Fui incumbido das seções “Cultura Afro”, “Festas e Tradições” e “Música” do Guia. Mais uma vez a música aparecia na minha trajetória na Facom. Os textos eram pequenos e não havia como aprofundar as idéias. No Guia do Ócio, aprendi na prática como selecionar as informações mais relevantes de cada assunto, dentre as diversas possibilidades que eles oferecem. Foi também neste trabalho que escrevi o meu primeiro texto com teor opinativo. Antonio Moreno, idealizador do produto, confiou a mim o texto de abertura da seção “Festas e Tradições”. Em todas as outras seções, o *couvert* foi assinado por especialistas de cada área. A recomendação: “pode ousar”. Ousei e gostei. Brotava, ali, o observador, o crítico.

Durante os três últimos meses do quinto semestre, fui estagiário da Assessoria de Comunicação do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB). Minha

principal tarefa era produzir *releases* dos programas da Rádio Educadora FM e da TVE, majoritariamente da rádio. O contato com a programação da Educadora me deu a oportunidade de conhecer o trabalho de muitos artistas da música, que até aquele momento eu ignorava. Dentre estes artistas, muitos eram da Bahia. Para cumprir com eficiência as minhas funções, além de realizar pesquisas de rotina (como biografia, discografia, curiosidades, etc.), eu sempre ouvia o artista sobre o qual ia escrever, antes de iniciar minha labuta. Com as pesquisas e as audições, o estágio no IRDEB se tornou um grande formador de repertório musical. Conheci o trabalho de muitos músicos, nos âmbitos internacional, nacional e local. O motivo de eu ter rompido meu estágio no IRDEB muito antes do prazo previsto em contrato (permaneci lá por apenas três meses) tem ligação direta com o aprendizado obtido em uma disciplina da Facom que cursei durante meu vínculo com a instituição citada. É inconcebível que a assessoria de uma rádio divulgue um programa da sua grade com o texto “Hoje, no ‘Programa de Rádio’, nós preparamos um especial do péssimo cantor ‘Fulano’”. Basta trocar o adjetivo por um “excelente” e tudo se resolve.

Eu era orientado a sempre fazer um juízo de valor positivo, mesmo quando pensava o extremo oposto. A questão ali não era a imparcialidade. Eu precisava ser parcial, precisava adjetivar, mas, muitas vezes, tinha de forjar sentimentos. Quando me dei conta, perdi a motivação de trabalhar com Assessoria de Comunicação. Esse foi o motivo do rompimento. O aprendizado citado há poucas linhas veio com a disciplina Comunicação e Ética, ministrada pela professora Maria Augusta Souza.

Comunicação e Ética foi uma matéria que me despertou uma série de discussões sobre ética e moral nas searas profissional e pessoal. Em *TOCA RAUL!*, precisei delas ininterruptamente. Como reescrevi diálogos e situações passadas, a preocupação com a veracidade dos fatos foi uma constante no processo de construção do trabalho. No livro,

há acontecimentos que, caso não existissem, ninguém poderia desmenti-los. Prezei pela ética e tive muita cautela na reconstrução de todas as situações narradas no livro.

Considerando que muitos dos artistas sobre os quais escrevi no livro são conhecidos ou amigos meus, a ética também me serviu quando me coloquei de frente à primeira situação delicada. “Falar mal” de artista é sempre complicado. Se eles são pessoas próximas, além de complicado, pode ser constrangedor. Sabia disso desde o começo, mas encarei com seriedade e compromisso moral todo o trabalho que eu mesmo tinha me proposto a fazer. Não tive medo de criar inimizades. Em razão da qualidade dos discos que foram listados no livro, as “situações delicadas” não foram muitas, mas eu encarei cada momento crítico dos textos com coragem e honestidade.

Entretanto, a disciplina que me trouxe mais experiências práticas para a construção de TOCA RAUL! se chama Oficina de Jornalismo Digital, lecionada por Beatriz Ribas. Como um dos fundamentos do Jornalismo On-line é a “atualização”, cada aluno da disciplina teve de criar um blog jornalístico e realizar, no mínimo uma postagem semanal. Essa foi a forma encontrada por Ribas para avaliar a produção gradativa da turma. A temática do blog e o gênero textual eram de livre escolha. Ainda sem saber como realmente seria o meu blog, anunciei que escreveria sobre música. Como Beatriz não solicitou um recorte do tema, não o fiz. Registrei minha página na *web* com o nome *Arte de Ouvir* (www.artedeouvir.blogspot.com).

A concepção do que seria o meu trabalho na disciplina veio no momento de criar a descrição daquela página virtual. E é com a própria descrição que sintetizo o que produzi durante a Oficina de Jornalismo Digital: “Criado com a intenção de tratar do assunto ‘Música Brasileira’, este blog é um espaço de crítica a alguns discos lançados no século passado e nos anos deste milênio que se inicia. Como a tarefa de abranger todo o cancionário brasileiro torna-se impossível em minha labuta solitária e não viso

listar os "melhores da MPB" (algo difícil e fácil, ao mesmo tempo), o critério de seleção dos discos e, conseqüentemente, dos artistas é arbitrário, porém não é aleatório”.

Foi neste momento do curso que o jornalismo musical se mostrou desafiador e prazeroso. Semanalmente, eu precisava selecionar um disco e produzir um texto crítico sobre ele. A experiência foi marcante, principalmente porque eu escolhi álbuns de artistas consagrados, aqueles que a crítica cultural evita, justamente, criticar. Não poupei elogios quando merecidos, mas também não economizei na descrição do que me soava incômodo. Embora não o atualize há bastante tempo, o *Arte de Ouvir* continua na rede e os textos permanecem intactos. Apesar de sentir vontade de alterar algumas opiniões – justamente porque elas são passíveis de mudanças ao decorrer do tempo -, respeitei aquele momento da minha formação e mantive as críticas tais como foram sentidas e escritas.

Outro fator relevante para a produção de *TOCA RAUL!* aconteceu no início minha trajetória pela Facom. Foi lá, ainda no primeiro semestre, que me juntei a mais três alunos veteranos – Pedro “Araújo”, Flávio Bustani e Thiago Marinho - e passei a fazer parte da banda Palossamba, que hoje, graças ao bom senso e ao amadurecimento, chama-se Clube da Malandragem. O que era brincadeira virou trabalho sério e, como a banda nunca se vinculou a nenhuma produtora, eu e mais um membro do Clube assumimos a assessoria da banda. Meu parceiro de função era Thiago Marinho, na época estudante de Jornalismo, porém mais experiente. Com ele, comecei a elaborar os *releases* da banda e os textos de divulgação dos eventos que nós produzíamos. A tarefa sempre desafiadora, já que buscávamos elaborar textos que fossem atraentes e informativos ao mesmo tempo, num misto de jornalismo e publicidade.

O Clube da Malandragem também me propiciou um contato intenso com os artistas, os produtores e os públicos da música alternativa em Salvador. Grande parte do

conteúdo de *TOCA RAUL!* vem da proximidade criada com essas pessoas – hoje, posso dizer que tenho a amizade de muitas delas. Isso sem falar que, devido a esse contato com os artistas e produtores, tive acesso a muitos discos produzidos na Bahia e que já – ou ainda – não estavam nas prateleiras das lojas.

A minha última experiência prática na Comunicação não tinha vínculos diretos com o exercício do jornalismo. Em 2008, eu trabalhei como redator publicitário na agência Verbo Comunicação. Em julho, fui convidado a integrar a equipe da agência que se deslocaria para a cidade de Camaçari por três meses, para trabalhar numa campanha política para um candidato à prefeitura da cidade. Na campanha, elaborei roteiros de peças publicitárias políticas para TV e rádio, textos para mídia impressa e roteiros para programas eleitorais da coligação, também para TV e rádio. O aprendizado obtido na campanha que foi utilizado no processo de produção dos textos de *TOCA RAUL!* foi justamente a elaboração de roteiros. A diferença era que, na campanha, o trabalho era a criação de situações; no livro, eu me propus a recriar momentos. O que mais me valeu tecnicamente dessa experiência foi a importância da dinâmica textual, da fluidez entre tempo e espaço da narrativa atrelada à sedução pela palavra.

Encerro minha passagem pela Facom certo de que minha opção pelo curso de Jornalismo foi certa. O conhecimento adquirido, antes de me servir na vida profissional, tornou-se útil na esfera pessoal. Durante o curso, fui aluno de alguns professores que interferiram profundamente na minha visão de mundo. Passei a enxergar a realidade do tempo em que vivo – e de tempos passados também – com outros olhos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento teórico de *TOCA RAUL!* se concentra, fundamentalmente, na aplicação dos elementos do Jornalismo Literário na construção textual. O livro também se baseia em fundamentos do Jornalismo Cultural, principalmente a crítica cultural.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que tanto o Jornalismo Literário quanto o Jornalismo Cultural são marcados pela abertura textual e temática. Textualmente, a liberdade de escrita, a fuga das notícias quentes e da imparcialidade perante os fatos foram fundamentais para o processo de produção de *TOCA RAUL!*. Tematicamente, tive a liberdade de fazer jornalismo musical sem necessariamente enquadrar as abordagens nos moldes de escrita do jornalismo diário.

Os principais pontos teóricos que sustentaram a produção dos textos de *TOCA RAUL!* se encontram nas definições do gênero “crônica”. Para José Marques de Melo:

O lugar da crônica no jornalismo luso-brasileiro é o das páginas de opinião. Sua feição assemelha-se ao artigo e ao comentário, distinguindo-se, portanto da notícia e da reportagem. Isso não significa que a nossa crônica esteja dissociada do cotidiano, do contemporâneo. Ao contrário, sua motivação principal é o conjunto dos fatos que o jornal acolhe em suas páginas e colunas. Só que ela não os reconstitui, sua função é a de apreender-lhes o significado, ironizá-los ou vislumbrar a dimensão poética não explicitada pela teia jornalística convencional. (MELO, 2002, p. 147).

Assim, fica claro que a liberdade textual concedida pela crônica é grande. O gênero surgiu como relato cronológico dos fatos, mas ganhou em expressividade quando passou a ser considerado o modo de produção textual com a dimensão mais poética dentro das amarras da informação. Segundo Júlio César França Pereira:

A crônica propicia uma ação de glosa estética da informação jornalística, em virtude de poder ser matizada por elementos poéticos, ficcionais e humorísticos, normalmente estranhos aos discursos noticiosos ou argumentativos das demais seções do periódico. Prática de escrita que atende uma demanda por vezes diária, é natural que seu *leitmotiv* sejam as infinitas alternativas propiciadas pelos acontecimentos do cotidiano – o particular do cronista ou o veiculado pela imprensa. Sem hierarquizar, entretanto, entre um grave tema de atenção universal e alguma ninharia de sua vida pessoal, o escritor cose uma estrutura temática em *patchwork* que dá à crônica o poder de mimetizar o aspecto fragmentário da informação jornalística e, em última instância, da própria vida moderna. Agregada à autonomia temática, há ainda a liberdade formal de que dispõe o cronista – excetuando-se as restrições de tamanho determinadas pela área em que ocupa na publicação. Conquanto seja a prosa a sua feição habitual, ainda no século XIX, a crônica foi escrita tanto em versos como em diálogos; no século XX, conheceu experimentações ráficas, diagramações exóticas e fez-se acompanhar por charges e desenhos. (PEREIRA, 2001, p. 41 e 42).

Não há como negar que por trás de toda a fundamentação teórica que orientou a construção de *TOCA RAUL!* existe a leitura de “autores práticos”. No Jornalismo, de extrema importância que se tenha o contato com o trabalho dos grandes profissionais, das referências para cada subdivisão do jornalismo. Neste sentido, a leitura de diversos autores que escrevem ou escreveram crônicas e críticas (musicais) foi fundamental para a formatação do trabalho e a criação daquilo que Sérgio Vilas Boas caracteriza como “estilo”.

O que geralmente caracteriza um estilo é a decisão de escolher um elemento em vez de inúmeros outros disponíveis. A língua dispõe de um conjunto finito de regras que geram um número infinito de frases. Desse modo, a escolha se efetua em dois níveis: na seleção e na combinação. A primeira implica a exclusão de outras formas; na segunda, a construção de uma frase, com um determinado arranjo, pode não ser original, mas é característica de um determinado autor. (BOAS, 1996, p. 33).

Vilas Boas defende que a periodicidade do veículo é um fator importante para a construção de um estilo. Enquanto em um veículo diário o jornalista tem um tempo muito curto para elaborar o texto, um jornalista de revista pode pensar e repensar se aquela palavra é a mais adequada à sua construção textual. No caso de um livro, a ausência do *dead-line* é um fator ainda mais favorável.

De acordo com Eduardo Belo (2006), o surgimento do Jornalismo de cunho mais literário desenrolou na revista *O Cruzeiro*, que foi criada em 1928 e, até hoje, é considerada o maior fenômeno editorial do país. O veículo citado permitia que seus jornalistas elaborassem seus relatos com um texto caprichoso, com um brilho e um requinte que tanto cativaram seus públicos.

Após *O Cruzeiro*, foi a vez da revista *Diretrizes*, de Samuel Wainer – fundador, editor chefe e diretor do jornal *Última Hora* -, que rendeu ao jornalismo brasileiro textos de muita qualidade sobre as histórias mais interessantes da época. Mesmo com o respeito que a revista alcançou, ela não teve sucesso comercial.

Na década de 1960, foi a vez da revista *Realidade* (Editora Abril), que acrescentou aos modelos jornalísticos do Brasil novas tendências estéticas e editoriais, possibilitando, já naquele momento, que seus repórteres transmitissem aos leitores as experiências pelas quais passaram e que poderiam despertar interesse do público. Esse é um dos baluartes de *TOCA RAUL!*.

Cada repórter podia abordar sua pauta pelo ângulo que escolhesse. Chegara a fase da reportagem-conto, reunindo ao mesmo tempo leveza e profundidade no tratamento dos assuntos. Era época também da reportagem participativa. O jornalista descrevia uma situação real pela qual havia passado – experiência que os próceres do *new journalism* empregaram fartamente. (...) Mas a capa mais marcante da revista foi o relato do correspondente de guerra

José Hamilton Ribeiro, raríssimo profissional hoje com mais de meio século de reportagem. Ele havia sido designado para descrever *in loco* a guerra do Vietnã, em 1968. Perdeu parte da perna esquerda ao pisar em uma mina terrestre. (BELO, 2006, p. 30).

Outro jornalista importante para o Jornalismo Literário brasileiro foi Paulo Barreto. Jornalista, cronista e teatrólogo brasileiro, Barreto publicou reportagens e críticas literárias e teatrais assinadas sob diversos pseudônimos em jornais como *O Dia* e *Correio Mercantil*. No *Gazeta de Notícias*, em 1903, inventou o seu pseudônimo mais famoso, João do Rio, que se tornou uma grande referência na imprensa do Rio de Janeiro do início do século XX. Unindo um texto de cunho consideravelmente literário às técnicas modernas de reportagem, o jornalista fazia descrições detalhadas de ambientes e pessoas envolvidas em suas narrativas. O pseudônimo João do Rio ficou famoso por suas “crônicas-reportagens”.

Segundo Belo, as técnicas do jornalismo literário podem ser resumidas na construção da narrativa dos fatos através de recursos literários, em oposição à linguagem apressada e extremamente incisiva que é encontrada nos jornais diários. “Enfim, era uma espécie de ‘voto de protesto’ contra a ditadura do lead e da pirâmide invertida”, diz Belo, em referência à prática jornalística mais comum, em que o texto apresenta todas as informações consideradas importantes logo no seu primeiro parágrafo, para que o leitor possa entender de uma maneira geral do que trata o texto logo no início da leitura.

Calcado na qualidade do texto e no amplo espaço disponível em jornais e revistas, o movimento teve a seu favor uma safra de jovens narradores notáveis, como Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese. Produzindo em profusão e com uma linguagem mais trabalhada do que preconizavam os primeiros manuais de redação, os expoentes do *new journalism* ganharam o mundo (BELO, 2006, p. 25).

A fuga quase que total da rotina de produção de um jornal diário ou de uma revista semanal faz com que o Jornalismo Literário ofereça ao “escritor-repórter” a possibilidade de atender às demandas da informação através de um texto mais ousado, que pode render momentos de prazer, tanto para o próprio repórter quanto para os possíveis leitores.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito (de Jornalismo Literário) é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade (PENA, 2008, p. 13).

As “crônicas-reportagens” se aproximam muito de outra característica do Jornalismo Literário, que é o afastamento das fontes oficiais, dos especialistas de cada assunto, das pessoas legitimadas para tratar de cada tema. Em *TOCA RAUL!*, as fontes são personagens comuns, pessoas que podem ser encontradas a qualquer momento pelas ruas de Salvador.

Outro conceito de crônica utilizado para a concepção de *TOCA RAUL!* é o proposto por Wellington Pereira, que afirma que a crônica é um comentário leve e breve sobre algum acontecimento do cotidiano que pode se aproximar do conto literário pela narrativa de final imprevisto e a unidade de ação, tempo e espaço. Para Pereira, a crônica pode traçar um comentário irônico ou poético, mas o seu motivo, via de regra, é o acontecimento que passa despercebido pelos olhos do cotidiano. Neste sentido, a crônica ganha seu ar de entretenimento, de mistura entre informação objetiva e ficção, por mais que se mantenha atenta à veracidade dos acontecimentos.

No que concerne à crítica, este trabalho se sustenta em dois autores. O primeiro é Luiz Camillo Osorio, que atribui ao texto crítico uma vocação criativa.

(...) creio ser a crítica um lugar de *dislocação* das obras, dos possíveis sentidos das obras e de uma dada poética. Com isto quero dizer que a crítica procura dar-lhes uma outra voz e um outro lugar, ou seja, que ela deve assumir-se como um exercício exploratório, que vive uma experiência formal, uma invenção de linguagem e a transpõe ao texto de modo a deslocar-lhe os sentidos. (OSORIO, 2005, p. 18).

Osorio vê na crítica um espaço de continuidade da obra de arte. Para ele, toda recepção já é essencialmente crítica, mas só um texto crítico elaborado por um crítico especializado pode transpor a experiência da obra para outra linguagem.

O segundo autor que conceitua a crítica no embasamento deste trabalho é Daniel Piza, que elucida questões mais ligadas às técnicas textuais. Ele afirma que um texto crítico é um misto de opinião – daí o uso da primeira pessoa em todo o livro *TOCA RAUL!* -, informação e análise técnica do objeto. Para Piza, uma boa crítica é aquela que possui essas três características, mas que ultrapasse o objeto analisado, que use essa análise para algum aspecto da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando percebi que poderia escrever um livro reunindo dez anos de música produzida na Bahia, a primeira sensação que tive foi que a maior importância da existência de *TOCA RAUL!* era o registro em si.

A música baiana tem crescido e gerado muitos discos bons. Acontece que a imprensa local apenas os cita na ocasião de lançamento de cada um. Quando os discos já não são notícias quentes, normalmente ficam esquecidos pela cobertura jornalística da cidade.

No processo de produção de *TOCA RAUL!*, conheci alguns trabalhos belíssimos. Muitos não entraram no livro, devido ao modo como a listagem dos discos ocorreu. Porém, na esfera pessoal, trouxeram-me experiências estéticas que não imaginava que estivessem aqui, bem ao meu alcance.

A palavra-chave era formação de repertório, tanto o meu quanto o do público. Um livro tem a característica de permanecer vivo no tempo. Para mim, falar sobre aqueles discos significava mantê-los vivos para gerações que não os acompanharam enquanto eram novidades e, por isso, comentados e propagados.

Por fim, percebi que o trabalho, além de me render um aprendizado que levarei em toda minha vida profissional e pessoal, trouxe-me a possibilidade de experimentar novas formas de escrita jornalística, sem que o principal - a informação - fosse deixado de lado em momento algum. Um confronto entre informação e narrativa literária muito prazeroso, justamente porque era um desafio que tinha como ponto de partida minhas maiores paixões: a música, a literatura e o jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZONAS, A. R., et al. **Considerações sobre o mercado de música independente em Salvador**. In: BAHIA ANÁLISE & DADOS, 16., 2006, Salvador, p. 505-516.

Disponível em:

http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/analise_dados/pdf/retros2006/12-musica_independente.pdf . Acessado durante o mês de outubro de 2009.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

LINDOSO, Felipe (org.). **Rumos [do] jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itáú Cultural, 2007.

MELO, José Marques de. **A Crônica**. In: **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

OSORIO, Luiz Camillo. **Razões da Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Arte +.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008

PEREIRA, Júlio César França. **O Narrador ético: experiência e sabedoria na crônica do século XIX**. Dissertação de mestrado do curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2001.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: arte do útil ou do fútil?**. João Pessoa: Idéia, 1994.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Coleção Comunicação.

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.